



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES

João Pedro de Oliveira Martins

Quadrinhos: um instrumento didático para criticar ou reafirmar discursos pictóricos tradicionais sobre a Independência do Brasil.

Rio de Janeiro

Julho, 2025

CIP - Catalogação na Publicação

d48q de Oliveira Martins, João Pedro
Quadrinhos: um instrumento didático para
criticar ou reafirmar discursos pictóricos
tradicionais sobre a Independência do Brasil. /
João Pedro de Oliveira Martins. -- Rio de Janeiro,
2025.
46 f.

Orientador: Marcus Vinícius De Paula.
Coorientadora: Odila Rosa Carneiro.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Licenciado em Artes Visuais, 2025.

1. Comunicação Visual. 2. Quadrinhos didáticos.
3. Pintura Acadêmica. 4. Independência do Brasil.
5. Iconologia. I. De Paula, Marcus Vinícius, orient.
II. Rosa Carneiro, Odila, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Quadrinhos: um instrumento didático para criticar ou reafirmar discursos pictóricos tradicionais sobre a Independência do Brasil.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Marcus Vinícius de Paula.

Coorientadora: Odila Rosa Carneiro.

Julho, 2025

João Pedro de Oliveira Martins

Quadrinhos: um instrumento didático para criticar ou reafirmar discursos pictóricos tradicionais sobre a Independência do Brasil.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 19 de agosto de 2025.

Prof. Marcus Vinícius de Paula

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Odila Rosa Carneiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profª. Drª Marina Pereira de Menezes de Andrade – Membro Interno

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Henrique César da Costa Souza – Membro Externo

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo:

O presente trabalho é um desdobramento de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida entre 2023 e 2024 e utiliza uma abordagem iconológica para analisar e comparar os sentidos gráficos e ideológicos encontrados nas pinturas históricas e nas produções nacionais de quadrinhos com temática da Independência do Brasil. O primeiro passo foi levantar e analisar pinturas acadêmicas que tivessem a Independência do Brasil como temática principal. Em seguida levantamos e selecionamos quatro álbuns em quadrinhos brasileiros que abordavam a mesma temática. Três desses álbuns foram produzidos no século XXI e, um deles, em 1970, durante o período da Ditadura Militar no Brasil. O objetivo é identificar diversas formas de interação entre o pictórico erudito e o quadrinístico pop com o intuito de contribuir para ampliar essa relação intermidiática e como eles podem reafirmar ou criticar a narrativa sobre a Independência do Brasil.

Palavras-chave: Comunicação Visual, Quadrinhos didáticos, Pintura Acadêmica, Independência do Brasil, Iconologia.

Abstract:

This work is an unfolding of an undergraduate research project carried out between 2023 and 2024. It uses an iconological approach to analyze and compare the graphic and ideological meanings found in historical paintings and national comic book productions on the theme of Brazilian Independence. The first step was to collect and analyze academic paintings that had the Independence of Brazil as their main theme. We then surveyed and selected four Brazilian comic albums that dealt with the same theme. Three of these albums were produced in the 21st century and one in 1970, during the period of the Military Dictatorship in Brazil. The aim is to identify various forms of interaction between the erudite pictorial and the pop comic in order to help broaden this inter-media relationship and how they can reaffirm or criticize the narrative about Brazilian Independence.

Palavras-chave: Visual Communication, Didactic Comics, Academic Painting, Brazilian Independence, Iconology.

Lista de ilustrações

Figura 1-Jean-Baptiste Debret, Sagrada Coroação de d.Pedro I,1828	9
Figura 2- Jean-Baptiste Debret, Aclamação de d. Pedro I, imperador do Brasil, 1839	
10	
Figura 3- François-René Moreaux Proclamação da Independência, 1844.	11
Figura 4- Pedro Américo, O Brado do Ipiranga ou Independência ou morte!, 1888	12
Figura 5- Augusto Bracet, Primeiros sons do Hino da Independência, 1922	13
Figura 6- Oscar Pereira da Silva, O príncipe Regente d.pedro e jorge de avilez a bordo da fragata união, 1822,1922	14
Figura 7-Oscar Pereira da Silva, A sessão das Cortes de Lisboa, 9 de maio de 1822	
14	
Figura 8-Domenico Failutti, Maria Quitéria de Jesus, 1920	15
Figura 9-Georgina de Albuquerque, Sessão do Conselho de Estado, 1922	16
Figura 11- Capa do álbum citado, de coleção particular.	17
Figura 12- Capa do álbum citado, de coleção particular.	18
Figura 13- Capa do álbum citado, de coleção particular.	19
Figura 14- Capa do álbum citado, de coleção particular.	20
Figura 15- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL	23
Figura 16- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL	23
Figura 17- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL	24
Figura 18- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL	26
Figura 19- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL.	26
Figura 20- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL.	27
Figura 21- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL.	27
Figura 22- Saiba mais!, a Turma da Mônica, Panini	30
Figura 23- Saiba mais!, a Turma da Mônica, Panini.	30
Figura 24-Saiba mais!, a Turma da Mônica, Panini	31
Figura 25- "Você sabia? Sítio do Picapau Amarelo", Editora Globo.	32
Figura 26- "Você sabia? Sítio do Pica-Pau Amarelo", Editora Globo.	33
Figura 27- "Você sabia? Sítio do Pica-Pau Amarelo", Editora Globo.	34
Figura 28- "Você sabia? Sítio do Pica-Pau Amarelo", Editora Globo	34
Figura 29- A História do Brasil em Quadrinhos, da Editora Europa	36
Figura 30- páginas 47 e 48, A História do Brasil em Quadrinhos, Editora Europa	36
Figura 31- Pelo meu sangue, Editora Super Prumo	38
Figura 32- Pelo meu sangue, Editora Super Prumo.	38
Figura 33- Colagem das capas: D. João Carioca: A corte portuguesa chega ao Brasil e As Barbas do Imperador (ambos da editora Companhia das Letras)	39
Figura 34- Quadrinho Dialético a partir de Recortes de Pinturas Históricas Vencedoras.	41
Figura 35-Quadrinho Dialético a partir de Recortes de Pinturas Históricas Vencedoras.	42

Sumário

Introdução	6
Sobre iconologia.	7
1. A pintura histórica e a Independência do Brasil.	8
2. Quadrinhos selecionados.	17
3. Análise dos quadrinhos selecionados.	21
3.1) Independência do Brasil em Quadrinhos, EBAL.	21
3.2) Personagens infantis da cultura pop brasileira.	28
3.2.1) Coleção Saiba Mais – Turma da Mônica, Panini.	28
3.2.2) Sítio do Picapau Amarelo, Editora Globo.	31
4. História do Brasil em quadrinhos, Editora Europa.	35
Considerações finais.	37
Referências	41

Introdução

Acreditamos que a relação didática entre história e arte pode ser enriquecida ao se explorar a interseção entre a pintura acadêmica e a linguagem visual dos quadrinhos. Propomos, então, uma análise da maneira como os quadrinhos utilizam pinturas acadêmicas como referência na temática da Independência do Brasil. Ao mergulhar nas camadas de significado geradas por essa interação, almejamos entender de que modo esses modelos iconográficos pictóricos tradicionais, produzidos dentro de contextos muitas vezes conservadores e até reacionários, têm sido relidos pelos quadrinhos. Nossa intuito é entender como tem se dado a relação intermediária com a pintura, ou seja, o modo e os quadrinhos sobre essas temáticas que vêm explorando o potencial didático-comunicacional e o que pode advir dessa relação.

Para atingir esse propósito, primeiro fazer um estudo a respeito da abordagem iconológica e suas finalidades. Em seguida, buscarmos compreender os aspectos teóricos sobre a iconografia da linguagem dos quadrinhos e também sobre a iconografia da pintura acadêmica no século XIX, no início do século XX na Europa e no Brasil. Precisaremos, também, levantar dados específicos sobre cada um dos álbuns que serão analisados em nossa pesquisa.

Os quadrinhos brasileiros selecionados - por meio da temática sobre a história do Brasil imperial – não somente forneceram soluções criativas que ajudaram a entender melhor o potencial da linguagem, mas também, abordagens equivocadas que servirão para demonstrar a necessidade dessa pesquisa.

A pesquisa foi realizada da seguinte forma: primeiramente, apresentamos bibliografia específica acerca da linguagem dos quadrinhos e sobre a linguagem da pintura acadêmica que servirá como método de abordagem crítica dos quadrinhos selecionados. Em seguida, vamos classificar os álbuns em quadrinhos a serem analisados e comparados com a intenção de investigar as soluções encontradas para a temática abordada.

As Histórias em Quadrinhos são narrativas-visuais que buscam contar uma história real ou fictícia, pretendendo atingir um determinado público alvo, podendo também

afirmar valores e ideologias. Considerando publicações nacionais voltadas para o entretenimento didático do público infantil, esse trabalho busca analisar e avaliar o uso de referências pictóricas acadêmicas em Histórias em Quadrinhos com a temática da Independência do Brasil e como esses álbuns em questão se propuseram em contar um importante episódio histórico, podendo ter optado por um teor crítico ou retrógrado.

Sobre iconologia

A noção de Iconologia, que será abordada aqui, insere-se como uma metodologia voltada a um campo de estudos que têm buscado desvelar a experiência cultural do olhar ou da visualidade. Assim, parte-se do princípio de que a visão não é só o resultado do funcionamento de um aparelho fisiológico, mas também, principalmente, de uma construção social (na verdade, considerando as questões convencionais e a natureza da visão na qual uma não desqualifica a outra; pelo contrário, ambas trocam informações). O estudo da cultura visual, ou da cultura como um todo, “volta-se para as maneiras pelas quais a realidade que se conhece é codificada” e deve mostrar de que modo “se relaciona às forças sociais que movem a sociedade” (SANTOS, 2006, p. 41). Portanto, a principal motivação para essa iconologia é justamente a investigação dos mecanismos envolvidos na construção dos códigos visuais em meio às relações sociais.

A teoria iconológica esteve, na maioria das vezes, interligada ao termo “iconografia” (do grego: *eikôn* = imagem, *graphía* = descrição) que aponta a um hibridismo visível/legível. A iconologia (do grego: *eikôn* = imagem, *logia* = discurso, razão), por sua vez, deve ser entendida não apenas como um estudo sobre as imagens, mas também como uma reflexão dos fundamentos da legibilidade da cultura visual.

Peter Burke (2004) expôs uma antologia a respeito das investigações iconográfica e iconológica e deixa claro a fase de instauração da metodologia no campo das artes plásticas, com Aby Warburg, na década de 1920, e Panofsky¹ a partir da década de 1930. É preciso salientar, no entanto, a importância para esta

¹ Erwin Panofsky (1892-1968) historiador alemão foi um crítico e historiador da arte alemão, um dos principais representantes do chamado método iconológico, estudos acadêmicos em iconografia.

pesquisa do referencial teórico-crítico desenvolvido por W.J.T. Mitchell², a quem Burke faz apenas uma pequena menção. Os livros *Iconology, Image, Ideology* (1987) e *Picture Theory* (1995) que deram novas diretrizes à metodologia documentária de Panofsky. O antes visto apenas como uma interpretação figurativa, tornou-se uma efetiva teoria da imagem, na medida em que Mitchell decodifica as mensagens visuais e dedica-se a questionar/problematizar a leitura visual.

Cabe constatar, então, que de Panofsky a Mitchell, existe uma preocupação com a inevitável interferência cultural em que o visível contenha sentidos subterrâneos tendenciosos. Nessa perspectiva, a visão das coisas lançaria um véu ideológico, que não nos ensina a ver apenas, estabelecendo interações, reconhecimentos e facilitando as relações sociais, mas também automatiza o olhar e faz parecer que as convenções visuais são inatas e universais. Códigos visuais hegemônicos podem se transformar em dogmas. Por esse motivo, a investigação da experiência do olhar necessita de uma análise crítica que atravesse a familiaridade construída pela visualidade para encontrar o sentido da própria visualidade e o que além dela está.

Para atingir essa finalidade, estabelecemos o diálogo entre duas categorias de imagem, aparentemente, díspares: os quadrinhos e a pintura histórica. Por meio dessa aventura intermidiática, visamos experimentar mecanismos críticos que possibilitem desvelar esses “véus” e entender as diversas camadas envolvidas na construção da significação visual.

1. A pintura histórica e a Independência do Brasil

“A ciência e a arte, dentro de um processo intrincado, fabricavam realidades mitológicas que tiveram, e ainda tem vida prolongada e persistente.” diz Jorge Coli (COLI, 2005, p. 23). Por meio dessa citação, o autor demonstra como a arte era um instrumento utilizado para forjar uma “verdade desejada” (COLI, 2005, p. 23), ou seja, criadora “de crenças que se encarnavam num corpo de convicções coletivas.”

² William John Thomas Mitchell (1942-) professor universitário estadunidense de Inglês e História da Arte da Universidade de Chicago.

(COLI, 2005, p. 23). No século XIX, a pintura histórica era o gênero mais elevado na hierarquia acadêmica, desempenhando um papel importante ao narrar fatos históricos em uma escala, quase sempre, monumental, eternizando versões oficiais de eventos ou personagens no imaginário de uma nação. O pintor responsável por uma obra desse porte deveria ter conhecimento vasto sobre a técnica pictórica e ter uma bagagem sobre outros assuntos, possibilitando o uso de alegorias, agregando sentidos e valores que, em grande parte, tinham fortes vínculos com interesses estatais.

A Independência do Brasil foi temática de muitas pinturas históricas que foram utilizadas para construir um imaginário em torno desse evento. Em *O Sequestro da Independência: Uma história da construção do mito do Sete de Setembro* de Carlos Lima Junior, Lilia Moritz Schwarcz e Lúcia Kluck Stumpf, listam várias obras feitas com objetivo de legitimar uma narrativa específica sobre a independência do Brasil. No primeiro capítulo deste livro, os autores descrevem o início da construção iconográfica de Pedro I e da proclamação da Independência. Começando por Jean-Baptiste Debret, com a *Sagração e coroação de d. Pedro I*, de 1828 (Figura 1) e *Aclamação de d. Pedro I, Imperador do Brasil*, de 1839 (Figura 2). Em ambas, “protagonismo recai sobre o primeiro imperador, o qual é ovacionado pela multidão de populares que aparece abaixo do balcão, numa disposição hierarquicamente inferior em relação ao lugar ocupado pelo poder.” (SCHWARCZ, 2022, p.41).

Figura 1-Jean-Baptiste Debret, *Sagração e Coroação de d.Pedro I, 1828*



Fonte: Wikipédia.

Figura 2- Jean-Baptiste Debret, *Aclamação de d. Pedro I, imperador do Brasil, 1839*



Fonte: Wikipédia.

Já a *Proclamação da Independência*, de François-René Moreaux, de 1844 (Figura 3), cria um contexto que faz parecer que a “independência do Brasil ocorreu

na Europa" (*op.cit.*, p.35). É fácil perceber que boa parte dos personagens presentes se parecem com europeus, destoando da real população brasileira que teria estado presente na cena. "Com exceção de alguns poucos personagens, todos são brancos e tem traços que permitem associá-los à imagem de camponeses, à moda europeia." (*op.cit.*, p.41).

Figura 3- François-René Moreaux *Proclamação da Independência*, 1844.



Fonte: Wikipédia.

Segundo Cecília de Salles Oliveira e Claudia Valadão de Mattos, as pinturas históricas eram confeccionadas segundo critérios que tinham pouco compromisso

com a realidade. Lembram que André Félibien³ definiu, no século XVII, que “em um quadro só deve haver um único tema” (OLIVEIRA, 1999, p. 123) e para dar conta dessa unidade “as figuras precisariam ser expostas em relação ao herói” (*op.cit.*). A partir desse fundamento, é possível perceber que a técnica de produção dessas imagens tinha um compromisso muito maior com a retórica visual acadêmica do que com a tentativa de reprodução imparcial de um acontecimento. Essas mesmas autoras deixam claro que o artista tinha consciência de que tais artifícios não eram somente necessários como desejados, pois a obra “não deveria reproduzir a história propriamente dita, mas sim extrair dela o seu caráter (...) ideal” (*op.cit.*).

Conscientes de que as famosas pinturas acadêmicas que muitas vezes ilustram os livros didáticos de história contemporâneos expõem versões tendenciosas dos acontecimentos, *O Sequestro da Independência* acrescenta que, esse evento específico foi sendo delineado segundo a perspectiva de quem estava à frente do poder estatal em inúmeros momentos – desde o Império, passando pela Antiga República e o período da ditadura militar, entre 1964 e 1985, até às recentes comemorações durante o governo de Jair Bolsonaro – sempre tentando vincular a celebração desse episódio nacional com o contexto político de cada período.

O Sequestro da Independência (SCHWARCZ, 2022, p.9-194) segue listando uma série de telas históricas que foram delineando uma visualidade oficial sobre o evento. Apesar de apontar a importância da tela *O grito do Ipiranga* de Pedro Américo (Figura 4), produzida nos últimos anos do Império, também mostra que esse discurso visual foi reaquecido pela mentalidade reacionária da República, na Exposição do Centenário, em 1922 e recebeu novo fôlego nas comemorações do Sesquicentenário, em 1972, durante o período da ditadura militar brasileira. Vemos isso, também, em *Primeiros sons do Hino da Independência*, 1922 (Figura 5), Augusto Bracet que optou por retratar o nascimento de um símbolo nacional pelas mãos de Pedro I. Isso cria a visualidade de um momento mítico em que o monarca teria tocado pela primeira vez o hino da independência, encantando todos os presentes.

³ André Félibien (1619-1695) foi um historiógrafo, cronista e teórico da arte da França.

Figura 4- Pedro Américo, *O Brado do Ipiranga ou Independência ou morte!*, 1888



Fonte: Wikipédia.

Figura 5- Augusto Bracet, *Primeiros sons do Hino da Independência*, 1922



Fonte: Wikipédia.

Para completar o grupo principal de imagens oficiais sobre a Independência do Brasil, é importante citar duas “pinturas alusivas aos grandes acontecimentos próximos do 7 de setembro” (SCHWARCZ, 2022, p.148). Tanto em *O príncipe regente d. Pedro e o Jorge de Altivez a bordo da fragata União, 8 de fevereiro de 1822* (Figura 6), quanto em *A sessão das Cortes de Lisboa, 9 de maio de 1822* (Figura 7), ambas encomendas para o Museu do Ipiranga e concluídas em 1922. Oscar Pereira da Silva, embora tenha feito uma vasta pesquisa, faz uma opção “entre deixar a realidade falar e dar um reforço à imaginação, venceu a segunda diretriz.” (*op.cit.*, p.152). Acreditamos que essa opção é, certamente, um indício de que essas imagens oficiais estão repletas de narrativas tendenciosas que refletem apenas uma versão limitada e excludente da nossa independência.

Figura 6- Oscar Pereira da Silva, O príncipe Regente d.pedro e jorge de avilez a bordo da fragata união, 1822,1922



Fonte: Wikipédia.

Figura 7-Oscar Pereira da Silva, A sessão das Cortes de Lisboa, 9 de maio de 1822



Fonte: Wikipédia.

Também é preciso destacar que algumas obras, que possuem outros interesses e sentidos nacionalistas que não trataremos nesta pesquisa, ampliam o protagonismo, como *Maria Quitéria de Jesus*, 1920 (Figura 8) e *Joana Angélica*, 1922 (Figura 10) de Domenico Failutti ou *Sessão do Conselho de Estado*, 1922 (Figura 9) de Georgina Albuquerque retratam figuras femininas que foram heroínas fundamentais para o processo de independência, embora de maneiras diferentes. Na pintura de Georgina, a artista optou por recriar a sessão do dia 2 de setembro do Estado do Brasil, apresentando um “aspecto relevante da autonomia protagonizado pela princesa regente” (SCHWARCZ, 2022, p.134). No episódio em questão, Leopoldina acabava de escrever a carta para o marido, sobre romper com Portugal, sendo assim, um evento “pré-Sete de Setembro”. Acreditamos que, a obra de Georgina, apesar de contribuir para a inserção de uma mulher no fato histórico, está inserida dentro do discurso hegemônico que o livro *O Sequestro da Independência* salientou.

Figura 8-Domenico Failutti, *Maria Quitéria de Jesus*, 1920



Fonte: Wikipédia.

Figura 9-Georgina de Albuquerque, Sessão do Conselho de Estado, 1922



Fonte: Wikipédia.

Figura 10- Domenico Failutti, Joana Angélica, 1922



Fonte: Wikipédia.

2. Quadrinhos selecionados.

Os quadrinhos analisados na pesquisa foram selecionados porque tinham uma temática que remete exclusivamente à Independência do Brasil. A maioria deles, encontrados por meio de uma pesquisa pela internet, disponibilizados para compra em *sites* como a Amazon e Estante Virtual. Era desejado obter exemplares antigos, se possível do século XX e exemplos mais contemporâneos, do século XXI. Esse levantamento resultou na seleção de sete álbuns produzidos entre a segunda década do século XX e a primeira década do século XXI.

O primeiro quadrinho foi produzido em plena ditadura militar (Figura 11). Publicados nos anos 70, pela editora Brasil-América, quadrinizado por Pedro Anísio, os desenhos de texto e capa são de Eugênio Colonnese. *A Independência do Brasil em Quadrinhos* foi lançada durante as comemorações do aniversário de sesquicentenário da Independência. Tendo o formato e acabamento técnico, 23 x 31 cm, 35 páginas e impresso em preto e branco, fazendo parte da série que a EBAL lançou sobre eventos históricos brasileiros em formato de quadrinhos com os objetivos de educar e entreter, simultaneamente, os jovens como público-alvo.

Figura 11- Capa do álbum citado, de coleção particular.



Fonte: Guia dos Quadrinhos.

O segundo álbum é o da *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa, lançado originalmente pela Editora Globo em 2004 e relançado pela editora Panini, em 2022 (Figura 12). Pertence à coleção *Saiba Mais*, na qual há histórias sobre assuntos variados com caráter educativo para as crianças, utilizando os personagens grandemente conhecidos pelo público brasileiro. *Saiba mais! Sobre a Independência do Brasil* foi produzido em cores, em papel jornal e possui o tamanho 19 x 27,5 cm, tendo 144 de número de páginas. No final do álbum, existem algumas páginas com atividades que deixam claro que o público-alvo são crianças em idade escolar.

Figura 12- Capa do álbum citado, de coleção particular.



Fonte: Guia dos Quadrinhos.

O terceiro quadrinho pertence à Coleção *Você Sabia? Sítio do Picapau Amarelo*, da Editora Globo, roteirizado por Miguel Mendes (Figura 13). Essa coleção busca o mesmo propósito educativo que vimos na coleção *Saiba Mais!* com os personagens de Mauricio de Sousa, citado acima, e utiliza uma estratégia didática semelhante. A temática redundante na mesma editora ocorreu porque, de janeiro de 1987 a dezembro de 2006, os quadrinhos da *Turma da Mônica* foram distribuídos pela Editora Globo, mas, devido ao término do contrato com a Mauricio de Sousa Produções, a Globo decidiu preencher esse vácuo editorial com o universo ficcional criado por Monteiro Lobato. Foi lançado em 2008 no formato de 20,5 x 27cm com o total de 100 páginas coloridas.

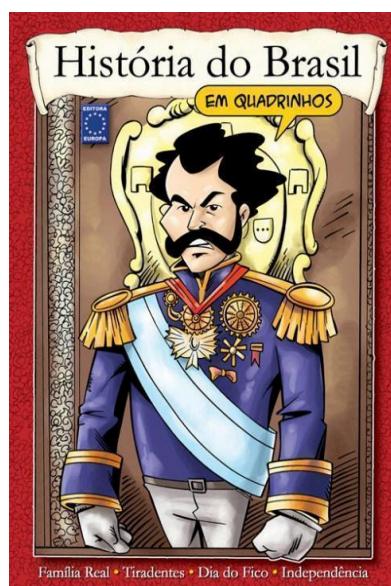
Figura 13- Capa do álbum citado, de coleção particular.



Fonte: Guia dos Quadrinhos.

O quarto álbum se trata do quadrinho da Editora Europa *História do Brasil em Quadrinhos: Independência do Brasil*, em 2009 (Figura 14). Foi desenvolvido por Edson Rossatto e Jota Silvestre (pesquisa histórica, argumento e roteiro), Laudo, Celso Marcelo Kodama e Omar Viñole (ilustradores). Com as dimensões de 22.6 x 11 x 1.2 cm, suas páginas são coloridas em papel couchê e os álbuns são destinados ao público infantil.

Figura 14- Capa do álbum citado, de coleção particular.



Fonte: Amazon.

3. Análise dos quadrinhos selecionados.

3.1) Independência do Brasil em Quadrinhos, EBAL

Entre 1964 e 1985, o Brasil viveu o regime ditatorial militar e em 1972 foi celebrado o sesquicentenário da Independência do país. O governo militar planejou um grande festejo cívico, chegando até trazer os restos mortais de Pedro I de Portugal para um desfile fúnebre até o monumento do Museu do Ipiranga em São Paulo. E foi justamente nesse contexto de comemorações que a EBAL (Editora Brasil-América Latina) uma das maiores editoras de quadrinhos do Brasil, fundada em 1945 por Adolfo Aizen, lançou *A Independência do Brasil em quadrinhos* (1970). Quadrinizada por Pedro Anísio e desenhos de texto e capa de Eugênio Colonnese, 23 x 31 cm, 35 páginas e impresso em preto e branco, fez parte de uma coleção de *Episódios da História Brasileira* que tinha como pretensão de entreter e instruir o público jovem.

O álbum em questão já deixa visível o viés ideológico que busca transmitir desde o início, ao colocar na capa um close no rosto de D. Pedro I (figura 11) como o grande protagonista, reforçando a ideia de um heroísmo do príncipe, oficializada pela famosa tela de Pedro Américo, que norteia não só a visualidade sobre a Independência no contexto das comemorações do sesquicentenário como também, boa parte do que diz respeito a esse episódio memorável da História do Brasil. A *Independência ou morte!* (1888) de Pedro Américo é uma das pinturas históricas mais conhecidas da arte erudita brasileira, presente na grande maioria de livros escolares e muito exaltada no imaginário dos leigos como uma espécie de documento histórico, fiel ao ocorrido. No entanto, a obra em questão não passa de uma criação posterior, fabricada e encomendada durante o reinado de Pedro II pelo próprio imperador, como forma de homenagear o pai e oficializar a versão oficial desse episódio tão importante para a História do país.

Não por acaso, foi também durante o seu reinado que houve a ideia de financiar uma tela que revigoraria a memória do próprio pai (Pedro I), o qual saíra do país sem deixar saudades. Retomar o evento do Sete de Setembro significava, ainda, inocular na população — quando a imagem do regime imperial já estava bem desgastada — um sentimento de nacionalidade e de comunhão, agenciando o passado, que finalmente dava sua bênção ao presente. (SCHWARCZ, 2022, p.23)

Pedro Américo como um pintor de corte, formado pela Academia Imperial de Belas Artes, ficou responsável por criar uma tela impactante, cheia de simbolismos e que imortalizou uma das cenas mais conhecidas da História nacional, além da criação da imagem de um Pedro I como o grande herói da Independência. Além de optar por colocar o imperador montado a cavalo ao invés de uma mula (animal utilizado naquela viagem) omitir a saúde abalada do príncipe que sofria de incômodo gástrico naquela ocasião e modificando a geografia do lugar, para elevar visualmente a posição do protagonista da tela e para ele não havia problema “sacrificar a geografia em nome da história”. A tela de Américo não buscava enganar, mas encantar os espectadores com sua versão da história assim como outros grandes mestres da pintura como Ernest Meissonier, pintor de *1807, Friedland* (1875) que serviu de citação para Américo.

Trata-se de uma tela produzida a partir dos ensinamentos acadêmicos, e como um quadro de história. Nessas obras, a intenção moral está acima da realidade e do verismo. O importante era evidenciar a mensagem, e elevar o evento e seus protagonistas. (SCHWARCZ, 2022, p.81)

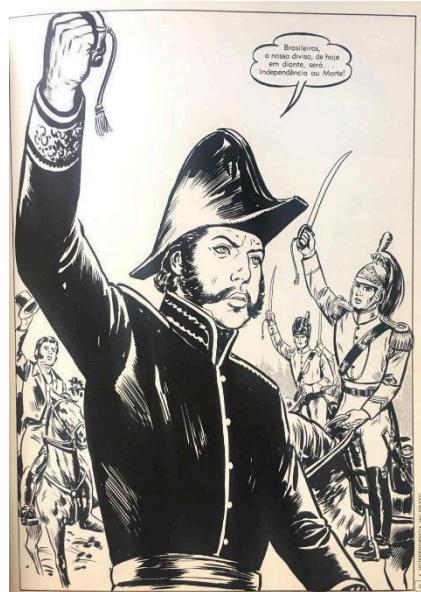
Essa construção do mito de uma emancipação realizada por um monarca europeu, foi forjada com o objetivo conservador e elitista de apagar outros episódios e personagens populares que anteriormente lutaram em prol da Independência. Muitas foram as guerras da Independência antes mesmo de 1822, com a participação de mulheres, negros escravizados e libertos que obtiveram sucesso ao expulsar as tropas portuguesas mas que foram abafadas com a finalidade por não serem revoltas que agradavam as elites econômicas. (FERREIRA, 2022, p.216).

Figura 15- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL



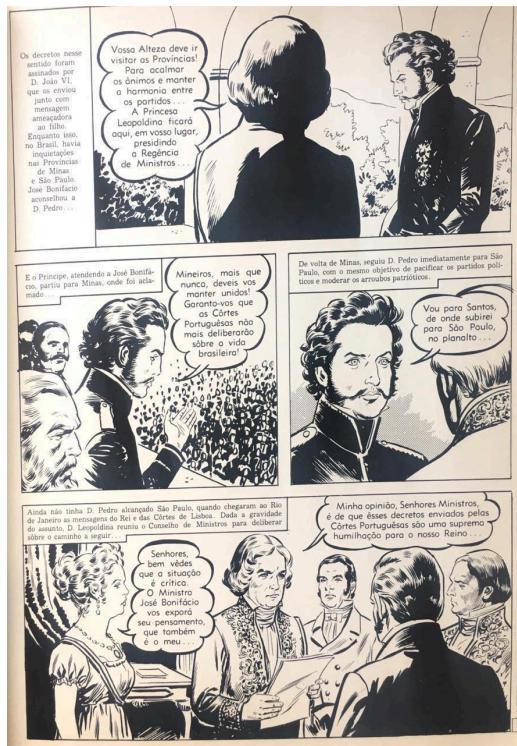
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 16- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 17- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL



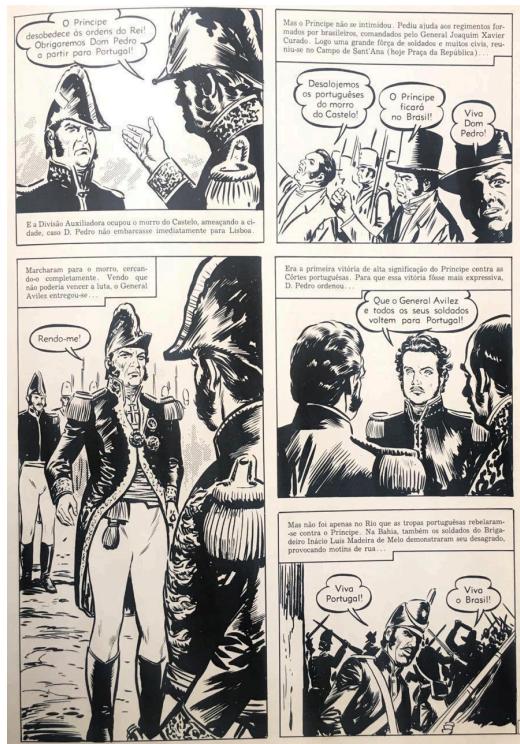
Fonte: Acervo pessoal.

A Independência do Brasil em Quadrinhos (1970) optou por narrar uma história protagonizada por Pedro I, referenciado na primeira página como “herói principal (...) da espetacular aventura que começa quando a Raça Brasileira toma, aos poucos, consciência de sua formação.” (COLONNESE,1970,p.3)”. Com um traço realista, monocromático e centralizada em Pedro I, o quadrinho mostra desde a infância e juventude do príncipe, brincando com os filhos dos escravizados e fazendo serenatas para donzelas, até a condecoração de Maria Quitéria, a Soldado Medeiros que lutou contra os soldados portugueses pela Bahia. Tanto Maria Quitéria (figura 20), quanto a mártir Soror Joana Angélica (figura 21), foram lembradas rapidamente durante a narrativa, embora a primeira em questão tenha ganhado um pouco mais de destaque, seja por ter se disfarçado de homem ou por mesmo tendo sua identidade descoberta, prosseguiu corajosa contribuindo na vitória contra os portugueses. Ao decorrer da trama, são feitas muitas referências a um grande número de pinturas históricas, como *Os Primeiros sons do Hino da Independência*, de Augusto Bracet (1922) página 24, (figura 15); *Sessão do Conselho de Estado*,

(1922) de Georgina de Albuquerque na página 19 (figura 17); *O príncipe Regente d.Pedro e Jorge de Avilez a bordo da fragata União - 8 de fevereiro de 1822* (Figura 6) de Oscar Pereira da Silva, presente na página 15 (figura 18); a *Sagração e Coroação de d.Pedro I, 1828* na página 26 (figura 19); a *Aclamação de d. Pedro I, imperador do Brasil, 1839* de Jean-Baptiste Debret, também na página 26 (figura 19) e sem falar na bastante mencionada *Independência ou morte! (1888)* de Pedro Américo (figura 16).

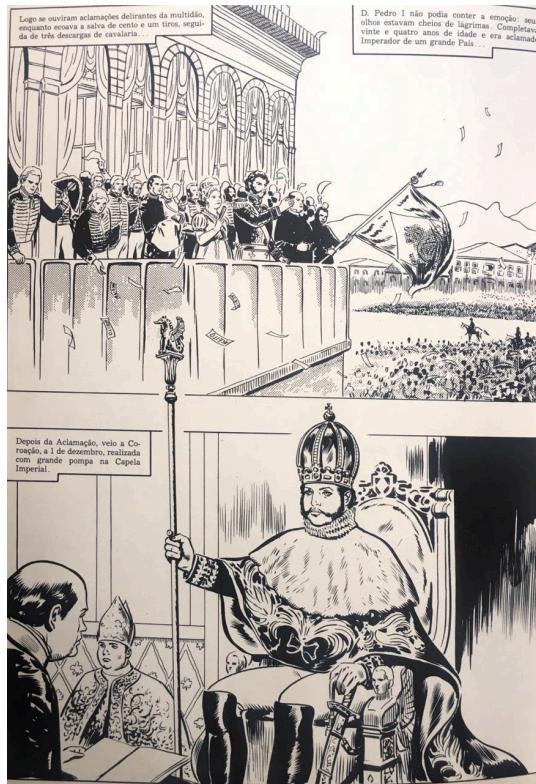
Parece ficar claro que se trata de uma óbvia reafirmação de um discurso tradicional que enaltece valores que eram caros ao poder na década de 1970. O sesquicentenário da Independência do Brasil foi celebrado em 1972, o quadrinho da EBAL foi distribuído por toda rede do ensino público como material didático. Notamos que a centralização de um heroísmo na figura de Pedro I buscava dialogar com a ideia da “imagem de um militar de pulso firme, que seria relacionada à do próprio Médici.[...] D.Pedro conduziria à independência à revelia do povo que não deveria meter-se às armas e lutar, porque esse seria o dever de um herói.” (FERREIRA, Raquel, 2022, p.132). Nas palavras de Leonardo da Costa Ferreira (2022, p. 177) ,esse quadrinho tinha como objetivo “nacionalizar os seus leitores — os cidadãos — inspirando-lhes o amor pelo país a partir do estímulo a um orgulho da pátria pautado em um passado marcado pela atuação de figuras célebres, em sua maioria, homens brancos, cristãos e destemidos. Tudo isso, apagando a tensa realidade social das primeiras décadas do século XIX notadamente marcadas pela exploração colonial e pelo flagelo da escravidão”.

Figura 18- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 19- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL.

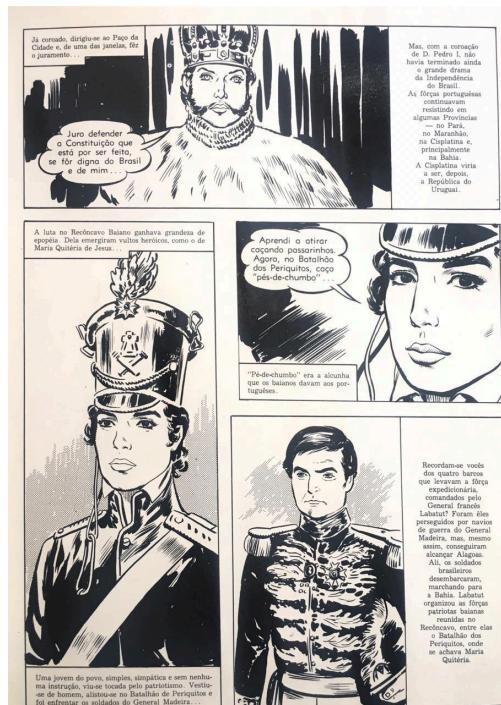


Fonte: Acervo pessoal.

Figura 20- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL.



Figura 21- A Independência do Brasil em quadrinhos, EBAL.



Fonte: Acervo Pessoal.

3.2) Personagens infantis da cultura pop brasileira.

Neste capítulo vamos analisar dois álbuns que utilizam personagens amplamente difundidos pela indústria cultural brasileira. O primeiro utiliza a Turma da Mônica, criada por Mauricio de Sousa, e o segundo as personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, criados por Monteiro Lobato, divulgados por produções da Rede Globo.

3.2.1) Coleção Saiba Mais – Turma da Mônica, Panini

É possível que depois da Ditadura Militar, outros quadrinhos tenham sido produzidos sobre a Independência do Brasil, mas nossa pesquisa conseguiu apenas identificar produções mais recentes, feitas no século XXI.

Os álbuns em quadrinhos que vamos analisar a seguir possuem um caráter claramente didático, voltado para um público infantil e foram publicados dentro das coleções *Saiba Mais!*, da editora Panini e *Você Sabia?*, da editora Globo. Desde janeiro de 1987, as revistas da *Turma da Mônica* eram distribuídas pela Editora Globo, sendo um sucesso de vendas até o fim do contrato em 2006, quando a Editora decidiu priorizar mais o jornalismo e a área televisiva. Assim, a Maurício de Sousa Produções fechou contrato com a Editora Panini, uma multinacional italiana, permitindo a internacionalização de sua obra. No ano de 2003, ainda na Editora Globo, a *Turma da Mônica* inaugurou a coleção *Você Sabia?* que buscava entreter e informar crianças sobre diversas datas comemorativas, como a edição de agosto daquele ano sobre a Independência do Brasil. Quando Maurício de Sousa migra com seus personagens para Panini, uma nova série similar ao “*Você sabia?*” foi criada, intitulada de “*Saiba Mais!*” com a mesma proposta da anterior, relançando edições antigas, como a *Turma da Mônica: Independência do Brasil*, que obteve sua última edição especial no Bicentenário da Independência, em 2022 (Figura 12).

No álbum *Saiba mais! Sobre a Independência do Brasil com a Turma da Mônica* (2022) a história é a mesma da primeira versão lançada em 2003 pela Editora Globo, contando a tradicional história da Independência utilizando Mônica, Cebolinha, Magali, Cascão e outros membros da turma para representarem os personagens históricos. Pela capa da HQ já pode ser notada a paródia da pintura de Pedro Américo, ao colocar Cebolinha num cavalo de brinquedo, com uma espada de

madeira erguida e próximo a beira de um possível rio, que poderia ser o Ipiranga. No fundo ainda existem outros personagens remetendo a outros nomes conhecidos do processo de Independência, como Mônica de Imperatriz Leopoldina, Franjinha como José Bonifácio e Xaveco como um ministro apoiador da emancipação do Brasil (Figura 12). Diferente da EBAL e suas restrições devido ao período político que vivia, o quadrinho da Mônica utiliza humor já conhecido do universo de Maurício de Sousa para contar a sua versão da Independência, fazendo piadas quadro à quadro e não se importando em exagerar na retratação dos personagens históricos (Figura 22).

Sendo dividida em duas partes, a história mostra desde a vinda da família real portuguesa para o Brasil, fugindo de Napoleão em 1808 até o casamento de Pedro com a Leopoldina, enquanto a segunda parte começa para o Dia do Fico (1821) até a coroação de Pedro I como imperador do Brasil. Diferentemente do primeiro álbum analisado, que possui um tom sério e adequado às referências acadêmicas, o que vemos aqui é uma narrativa recheada com piadas e também passatempos com a temática da Independência, como caça-palavras e palavras cruzadas. No primeiro quadro da página 23 (figura 23), a equipe Maurício de Sousa (não creditada) se refere de modo mais evidente que na capa à tela de Pedro Américo, reafirmando em tom descontraído o mesmo imaginário conservador que identificamos no primeiro álbum. A narrativa brinca e ameniza o famoso brado do Ipiranga, já que o Cebolinha troca o “r” pelo “l” e fala “Molte” no lugar de “Morte”. Além da tela de Américo, na página 24 (Figura 24) reconhecemos duas outras citações: *Primeiros sons do Hino da Independência*, 1922 de Augusto Bracet e a *Sagração e Coroação de d.Pedro I*, 1828 de Debret. Apesar de satirizar essas imagens, ratificam a mesma narrativa heroica de Pedro I, que identificamos no álbum da EBAL.

Figura 22- *Saiba mais!*, a Turma da Mônica, Panini



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 23- *Saiba mais!*, a Turma da Mônica, Panini.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 24-Saiba mais!, a Turma da Mônica, Panini



Fonte: Acervo pessoal.

3.2.2) Sítio do Picapau Amarelo, Editora Globo

"Você sabia? Sítio do Pica-Pau Amarelo - Descobrimento e Independência do Brasil" (Figura 13) utiliza o fantasioso universo infantil do Sítio do Pica-Pau Amarelo para apresentar esses eventos históricos, utilizando uma fórmula semelhante à dos quadrinhos da Mônica.

A história se inicia na primeira página com uma montagem teatral que cita a pintura de Américo tendo uma distribuição curiosa dos papéis da pintura com seus intérpretes. O menino Pedrinho de traje militar num cavalo de pau e dando vida ao seu xará, Pedro I, a boneca Emília, o Visconde de Sabugosa e a menina Narizinho como os dragões da Independência e deixando o papel do carroceiro e do camponês para o leitão Rabicó e o Burro Falante. A tela de Pedro Américo é citada novamente quando o Visconde de Sabugosa esclarece que apesar deles terem utilizado o “famoso quadro”, ele não só foi pintado a 66 anos depois do fato, como também vários elementos não correspondem à realidade, como os cavalos no lugar das mulas, a posição do Ipiranga e o traje de gala (página 52) (Figura 26). O outro momento em que o “Independência ou Morte!” é referenciado, é quando a turma do

Sítio utiliza o pó mágico de *Pirlimpimpim* e viaja no tempo até a época do grito. Curiosamente, mesmo depois de todas as críticas do Visconde, os autores utilizam mais uma vez a imagética acadêmica conservadora, limitando-se apenas a descartar os camponeses da cena da página 91 (figura 27).

Figura 25- "Você sabia? Sítio do Picapau Amarelo", Editora Globo.



Fonte: Acervo pessoal.

A narrativa do quadrinho repete a fórmula das viagens fantásticas que a turma do Sítio do Picapau Amarelo costuma fazer nos livros de Lobato, dessa vez, passeando pelo Brasil colônia até o Império, interagindo com os personagens históricos como João VI e seu filho ainda criança, chegando a reencontrá-lo adulto, já casado com a princesa Leopoldina. Outros personagens históricos são apresentados no quadrinho como o pintor Debret, futuro professor da Escola de Belas Artes (Figura 28) e o ministro do imperador José Bonifácio, que é mencionado durante a história, mas só aparece no final, se empanturrando com os bolinhos de Tia Nastácia. É importante observar, que além de também centralizar a ideia da emancipação brasileira na figura do príncipe europeu, o quadrinho ainda deixa visível seu pensamento conservador e etnocêntrico numa fala da princesa

Leopoldina sobre o Brasil, que diz “Adoro essa natureza exótica, mas sinto falta da arte e dos costumes da Europa...” página 81 (Figura 28).

É preciso, também ressaltar que, Tia Nastácia, só aparece no último quadro, servindo comida, evidenciando que sua participação nas histórias é sempre reduzida a de empregada servil.

Figura 26- "Você sabia? Sítio do Pica-Pau Amarelo", Editora Globo.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 27- "Você sabia? Sítio do Pica-Pau Amarelo", Editora Globo.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 28- "Você sabia? Sítio do Pica-Pau Amarelo", Editora Globo



Fonte: Acervo pessoal.

3.3. História do Brasil em quadrinhos, Editora Europa

A *História do Brasil em Quadrinhos*, da Editora Europa traz de uma maneira mais contemporânea ao mesmo tempo cartunesca, a narrativa da Independência. Por meio de uma estratégia didática que cria uma típica excursão de estudantes no nível fundamental ao Museu do Ipiranga, onde três crianças tentam escapar do compromisso escolar, mas acabam tolhidos por um professor palestrante, que mostra a eles a importância de se estudar História na escola. Esse quadrinho tem uma narrativa muito instrutiva sobre os acontecimentos históricos, e traz incontáveis citações pictóricas, diferente de todos os outros quadrinhos. É o único que informa de maneira didática ao leitor as referências pictóricas utilizadas, fornecendo comparações entre a arte do quadrinho e a referência original, da página 58 à 61 (Figura 29). Nesse álbum, os ilustradores fazem citações às pinturas já mencionadas anteriormente, como é o caso da *Aclamação de D. Pedro I, 1822* e *Sagração e Coroação de D. Pedro I, 1828* ambas de Debret (Figura 1 e 2). Além das pinturas históricas, o quadrinho revela que utilizou referências de outras mídias visuais, como o filme *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil* (1995) de Carla Camurati e a minissérie *O quinto dos infernos*, (2002) de Carlos Lombardi, da Rede Globo.

Apesar do tom crítico e revisionista deste álbum, a pintura de Pedro Américo ganha grande destaque, ocupando duas páginas 48 e 49 (Figura 30) sem sarjetas, recriando, dentro das dimensões do quadrinho, a monumentalidade histórica oficial da tela acadêmica. Além de Américo, também há citação a Domenico Failutti, *Dona Leopoldina de Habsburgo e seus filhos*, 1921 (figura 29), *Sessão das Cortes de Lisboa*, de Oscar Pereira da Silva, 1922 (figura 29), em todas elas as referências pictóricas são retratadas de maneira mais estilizada, com traços cartunescos que diferem da ilustração utilizada pela EBAL (figuras 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21), que parece se inspirar em modelos acadêmico com o intuito de apresentar uma narrativa mais dramática. No álbum da editora Europa, percebe-se que mesmo utilizando uma iconografia estilizada que tem sido associada ao cartum de humor e ao público infantil, o conteúdo é mais crítico e comprometido com uma atualização da versão tradicional que não identificamos na edição da EBAL, mas ainda assim muito centrada na figura de Pedro I.

Figura 29- *A História do Brasil em Quadrinhos*, da Editora Europa



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 30- páginas 47 e 48, *A História do Brasil em Quadrinhos*, Editora Europa



Fonte: Acervo pessoal.

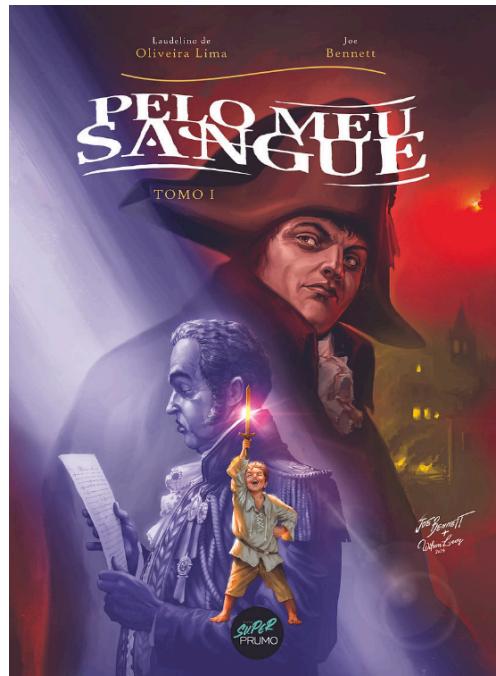
4. Considerações finais.

Por meio das análises feitas, chegamos a conclusão que todos os quadrinhos analisados usam como base a narrativa oficial da Independência do Brasil,

centralizada na figura de Pedro I e perpetuada pela pintura de Pedro Américo. Todos os álbuns se referem à *Independência ou morte!* (1888) comprovando que é difícil se desvincular da narrativa visual criada e recriada desde o século XIX e impregnada no imaginário nacional. Verificamos que o que diferiu foi a forma como as pinturas acadêmicas foram utilizadas. Dos quatro álbuns, o único que mostra suas referências pictóricas e demonstra um comprometimento didático mais fidedigno com a História é o *História do Brasil em Quadrinhos*, da Editora Europa, que ainda assim se esquece das revoltas anteriores em prol da emancipação do Brasil de Portugal.

Infere-se, portanto, que narrativas visuais sobre a Independência do Brasil estão sendo produzidas, demonstrando o interesse de determinados grupos com a reafirmação de discursos conservadores ou uma falta de espírito crítico capaz de propor uma revisão desses discursos. Certamente nos pareceu coerente que o álbum da EBAL, produzido dentro do contexto ultrarreacionário da ditadura militar, utilizasse a narrativa visual construída por esse grupo de pinturas, o que nos surpreendeu foi constatar que as produções didáticas mais recentes continuassem a perpetuar esse modelo. Vale mencionar que, ao final da pesquisa, surgiu uma nova publicação com características mais reacionárias do que o álbum da EBAL, trata-se de *Pelo meu Sangue* (2025) da Editora Super Prumo (figura 31), com roteiro de Laudelino de Oliveira Lima e desenhos de Joe Bennett, que busca ser o primeiro volume de uma série épica de cinco álbuns sobre Pedro I (figura 32). Nos espanta ainda mais saber que foi resultado de um financiamento coletivo.

Figura 31- *Pelo meu sangue*, Editora Super Prumo



Fonte: Super Prumo.

Figura 32- *Pelo meu sangue*, Editora Super Prumo.



Fonte: Acervo Pessoal

Por outro lado, também tomamos contato com quadrinhos comprometidos com a História do Brasil, como é o caso dos álbuns em quadrinhos desenvolvidos pelo cartunista João Spacca e pela historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz sobre o Brasil Império e que utilizam abordagens criativas para refletir sobre a história dominante. Embora *D. João Carioca: A corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)*, de 2007 (figura 33) , e *As Barbas do Imperador*, de 2014 (figura 33) não sejam inteiramente sobre a Independência do Brasil, os respectivos álbuns (lançados pela Companhia das Letras) tratam de momentos importantes da história do país, diretamente ligados ao tema da pesquisa e sendo excelentes exemplos de quadrinhos didaticamente críticos.

Figura 33- Colagem das capas: *D. João Carioca: A corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)* e *As Barbas do Imperador* (ambos da editora Companhia das Letras)



Fonte: Acervo Pessoal.

Um outro exemplo de quadrinho que busca um revisionismo histórico sobre a Independência do Brasil é o projeto visual do designer Joab Alves dos Santos, Mestre em Design pelo PPGD/EBA/UFRJ (Programa de Pós-graduação em Design da Escola de Belas Artes) que utilizando as memoráveis pinturas históricas já vistas

sobre a Independência do Brasil (figura 34) reconstrói uma narrativa, dando voz e visualidade aos apagados da História oficial. Nas palavras de Joab, “A quadrinização dessas telas, porém, não só permitiu o aparecimento de espaços brancos entre os quadros, além das molduras que constituem as sarjetas. É a partir dessas frestas que podemos subverter o relato dos vencedores” (SANTOS; 2024, p. 177).

Utilizando as sarjetas como “frestas”, os personagens excluídos da narrativa oficial invadem as cenas pictóricas, interferindo nas cenas e abrindo espaços para essa variedade de pessoas anteriormente esmagadas pela história hegemônica (figura 35). “Afrodescendentes, indígenas, padres, freiras, entre outros atores, agora participam da narrativa, ampliando as limitações espaciais que a linearidade sequencial impunha.” (SANTOS; PAULA, 2024, p. 178).

Figura 34- *Quadrinho Dialético a partir de Recortes de Pinturas Históricas Vencedoras*.



Fonte: Acervo pessoal de Joab Alves dos Santos.

Figura 35-Quadrinho Dialético a partir de Recortes de Pinturas Históricas Vencedoras.



Fonte: Acervo pessoal de Joab Alves dos Santos.

Apesar de termos constatado que a maioria dos álbuns analisados trouxeram pouca reavaliação do discurso pictórico convencional, a pesquisa demonstrou o potencial dos quadrinhos como importante material didático, capaz de enfatizar os discursos retrógrados sobre a Independência, mas também capaz de ser crítico a narrativa hegemônica, possibilitando novas reflexões e dando voz e vez aos verdadeiros heróis e suas histórias desconhecidas do imaginário nacional.

Referências

- ANÍSIO, Pedro. COLONNESE, Eugênio. **A Independência do Brasil em Quadrinhos.** Editora Brasil-América Ltda, 1970.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular.** Bauru: EDUSC, 2004.
- COLI, Jorge **Como estudar a arte brasileira do século XIX?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005

FERREIRA, Raquel; FERREIRA, Leonardo da costa; AMORIM, Wellington Dantas *et al.* **Passado em caleidoscópio: versões quadrinizada da Independência do Brasil no Sesquicentenário e Bicentenário.** Curitiba: Editora Appris, 2022, p.132.

LIMA JUNIOR, Carlos.; SCHWARCZ, Lilia M.; STUMPF, Lúcia K. **O sequestro da independência: uma história da construção do mito do Sete de Setembro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022, 378 p.

MENDES, Miguel. **Você sabia? Sítio do Picapau Amarelo- Descobrimento e Independência do Brasil.** São Paulo: Editora Globo, 2008.

MITCHELL, W.J.T. Mostrar o Ver: uma crítica à cultura visual. **Interin**, vol. 1, n. 1, 2006, p.1-20. [Publicado originalmente no Journal of Visual Culture, 1(2), 2002]. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=504450754009>. Acesso em: 1 nov. 2023.

_____. **Picture Theory.** Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. **Iconology, image, text, ideology.** Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

OLIVEIRA, Cecilia H. de Salles. MATTOS, Claudia Valladão de. **O Brado do Ipiranga.** São Paulo: EdUSP, 1999.

PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais.** Lisboa: Ed. Presença, 1989.

ROSSATTO, Edson. SILVESTRE, Jota. **História do Brasil em Quadrinhos: chegada da família real, o Dia do Fico e Independência.** Editora Europa, 2009.

ROSSATTO, Edson. **História do Brasil em Quadrinhos: Proclamação da República.** Editora Europa, 2010.

SANTOS, Joab Alves dos; PAULA, Marcus Vinícius de. **A Linguagem Gráfica dos Quadrinhos como Intervenção Dialética e Crítica no Projeto Visual da Independência do Brasil.** Bauru: Revista Gráfica Brasil, 2024.

- SOUZA, Maurício. **Saiba Mais! Independência do Brasil**. Editora Panini. 2009.
- _____. SCHWARCZ, Lilia. **D. João Carioca**. Editora Schwarcz S.A, 2007.
- _____. SCHWARCZ, Lilia. As barbas do Imperador: **D. Pedro II, a História de um Monarca em Quadrinhos**. Editora Schwarcz S.A. 2013.